



# IV Colóquio de História da Educação

## HISTÓRIA E MEMÓRIAS, NAS ESCRITAS ORDINÁRIAS DE MARIA GOMES AGUIAR

**Arte cultural e educação: identidade e memória;**

*Marli de Oliveira Costa <sup>1</sup>([moc@unesc.net](mailto:moc@unesc.net))*

*Angela Martins Valerim <sup>2</sup>([angelamartinsv@hotmail.com](mailto:angelamartinsv@hotmail.com))*

**Palavras Chaves: Cultura Escrita, Cartas, Documentos, Afetividade**

### **Introdução**

Este estudo aborda as escritas ordinárias em forma de correspondência entre uma mãe e filha no sul de Santa Catarina entre os anos de 1975 /1976. A motivação para realizar este estudo deu-se a partir da descoberta das cartas guardadas pela mãe da pesquisadora, as quais foram encontradas logo após seu falecimento. Enquanto seus pertences estavam sendo arrumados avistei um envelope com vários papéis entre eles, cartas. Essas cartas constituem uma comunicação entre duas pessoas que tinham um vínculo de afeição, a mãe e filha. A mulher/mãe que escreveu as cartas, a senhora Maria Gomes Aguiar, viúva, natural de Lauro Mulher/SC foi residir na cidade de São José do Cedro/SC, para acompanhar sua filha caçula e solteira que havia passado em um concurso de trabalho, porem longe de seus outros dez filhos todos casados. Devido este afastamento sentiu-se na obrigação de escrever, a fim de se comunicar por meio das correspondências enviadas, além de deixar explícito em sua escrita a ternura e afeto entre mãe e sua filha, Cleusa Salete Aguiar Martins. No total são seis cartas, somando mais duas com destinatário a sua neta, e foram escritas num momento de grande agitação da sua vida e dificuldades financeiras.

**Objetivo-** Oferecer visibilidade as cartas de Maria Gomes Aguiar para sua filha, compreendendo essas correspondências como escritas ordinárias que apresentam peculiaridades da relação entre uma mãe e sua filha.

---

<sup>1</sup>Dra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias. E-mail: [moc@unesc.net](mailto:moc@unesc.net)

<sup>2</sup>Acadêmica do curso de História da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC). E-mail: [angelamartinsv@hotmail.com](mailto:angelamartinsv@hotmail.com)



## IV Colóquio de História da Educação

**Metodologia-** O estudo será feito por meio da análise das cartas a partir de alguns referenciais teóricos, como Memórias e escritas ordinárias. A partir da análise das cartas mencionadas, procurar-se-á dar ênfase às narrativas que tratam do cotidiano de uma mãe onde estão descritas e representadas as situações vivenciadas no dia-a-dia destacando seus sentimentos, e as relações de afetividade atribuída ao seu papel.

**Alguns resultados-** O enredamento da relação entre mãe e filha, através de análise das cartas foi necessário à leitura, no seu contexto todas muito bem escritas a mão e datadas. Ainda em destaque duas cartas que foi escrita a sua neta de seis anos. Mas é preciso considerar a distância que existe entre os autores das cartas e os acontecimentos narrados e trocados por duas mulheres nos finais da década de 70 do século XX, praticam com particular intensidade e atenção um estilo confessional e autorreferente que se intensifica ao longo do tempo em que dura a correspondência e enseja considerar esta prática de escrita pessoal como “um dos meios para alcançar não só um domínio do tempo que passa, mas também uma representação estável de si” (HÉBRARD, 2000, p.30). A carta, como uma prática de escrita, partilha da constituição de um regime de sensibilidades sociabilidades, ou seja, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois “nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer” (CUNHA apud BOLLÉME, 1988, p. 201). As correspondências totalizam em seis cartas e mais duas a sua neta, e foram escritas, num momento de grande agitação da sua vida e dificuldades financeiras. E a mãe aqui chamada Maria Gomes Aguiar residindo longe de seus filhos e afastadas deles se sente na obrigação de escrever a fim de se comunicar através das correspondências enviadas também deixa explícito a ternura por seus filhos, e as cartas aqui estudadas foram escritas para sua filha Cleusa Salete Aguiar Martins. As cartas são objetos biográficos. O correspondente escreve para realizar um projeto de dizer e dizer-se. A família que guarda institui um conjunto que serve aos seus propósitos: seleciona, descarta, elege as cartas boas. [...] cartas são documentos indiciadores de certo modo de escrever e ler, de certa competência gráfica resinificados no processo de estudá-los. (Gastaud, 2009, p. 19). No entanto, a relação afetiva entre uma mãe e uma filha ainda não foi discutida, ao menos em Santa Catarina, relações afetivas sob o ponto de vista



## IV Colóquio de História da Educação

histórico e que foram materializadas por meio de cartas. A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação entre mãe e filha, “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.” (CHARTIER, 199).

Uma senhora, viúva, brasileira, que se chamava Maria Gomes Aguiar, vivia na cidade de São José do Cedro um município brasileiro, do estado de Santa Catarina, e já aposentado, por ter sido professora por muitos anos, criou seu filhos com dificuldade e com muito amor, estava residindo nesta cidade para acompanhar sua décima primeira filha, a caçula dos onze, que havia passado num concurso do Banco do Brasil a trabalho. Seus outros filhos espalhavam-se por quatro estados brasileiros, Bahia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ela almejava vir morar na sua terra natal, Lauro Muller no mesmo estado, onde se aproximava de sua décima filha que esperava seu segundo bebê, por meio das cartas, mas a distancia entre Maria e sua filha Cleusa era de 723 km. Lá tão distante escrevia suas cartas á procura de encontrar-se próxima de sua filha.

Querida filha neta e genro, recebi tua carta **ontem**, [...] aqui vamos passando, dias conformadas outras desanimadas, mas assim é a vida. [...] Carmencita vai bem, [...] ela esta gostando do serviço. Sexta feira passada ela prestou juramento no banco. Depois disto ela recebeu um ramalhete de flores. (1975)  
[...] No banco trabalham diversos moços, mais cada um mais bobo que o outro, tu sabes os do banco do Brasil no interior querem ser os tais. (1975)  
[...] Aqui é lugar pequeno porem de um bonito aspecto. Moro bem no centro, todo movimento passa na frente, nosso quarto fica no 1º andar o pior que temos que subir uma escada, as camas são boas, tem um roupeiro pequeno. Embaixo do quarto tem uma loja, a barateira, do lado um açougue, casa rener e muitas outras e muitas outras que nem sei o nome. (1975)  
[...] O povo daqui são quase todos de origem italiana e gaúchos, mas são muitos bons, principalmente do hotel em que paramos. (1975)  
[...] Carmencita ontem estava muito triste, não quero nem pensar no natal e 1º do ano, pois se ainda viesse um dos filhos aqui a gente ficaria feliz, mas só no meio de estranhos, não sei o que vamos fazer, acho que vamos chorar o dia todo. (1975)  
[...] esta semana ela vai requerer a saída daqui, já escrevi para o Gil, mas se não der Florianópolis, pode ser Tubarão, Laguna, Criciúma, Braço do Norte, quero um lugar onde fique perto dos meus filhos. (1975)

A troca de correspondências permite, também, a busca do eu, a escrita de si, a reflexão, a introspecção, já que “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro [...] De certo modo, a carta proporciona um face a face [...], pois cada um aí deve desvelar sua alma” (FOUCAULT, 2000, p. 200-210). O entendimento de amor foi expresso por ações escritas nas cartas, tais como declarar, acarinhar, presentear, confiar, mostrar interesse através de ajudar em momentos difíceis, preocupar, acolher, procurar e querer estar junto.



## IV Colóquio de História da Educação

**Conclusões** - O trabalho foi realizado na perspectiva e estudo de seis cartas, palavras escritas à mão, materializadas em folhas de blocos de cartas, Maria compartilha seus sentimentos, a mãe envolve a filha com informações da sua vida cotidiana. Cartas ou mesmo arquivos particular esses que passam muitas vezes ameaçados pela cultura do descarte, na perspectiva da história, é fundamental o olhar de fora, para assim poder se interpretar todo o contexto destas escritas é a importância da abordagem compreensiva. Para Maria Teresa Santos Cunha as cartas são praticas epistolares das pessoas comuns, chamadas de escrituras ordinárias ou escritos sem qualidades, e sendo assim abrindo cada vez mais um rico campo para as pesquisas sobre praticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada que se desenvolve a partir do século XIX. Portanto, acredito ser necessário o conhecimento e a sensibilização junto à escrita, e através da abordagem biográfica o sujeito produz com um processo de conhecimento sobre si e sobre os outros e revela-se através da subjetividade, das experiências e dos saberes a fim de garantir a preservação desta narrativa, concede ao sujeito o papel de ator e autor da sua própria história. O trabalho encontra-se em andamento, entretanto, já foi possível verificar a importância das cartas para as pesquisas em história nas escritas ordinárias e memórias no que se refere à principal ferramenta para se contrapor a cultura do descarte.

### **REFERÊNCIAS:**

- BOLLÉME, Geneviève. O povo por escrito. São Paulo: Martins Fontes, 1988
- CASTILLO GÓMEZ, A.(ed).**Cultura escrita e clases subalternas: una mirada española**. Madrid: Sendoa, 2001.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: A escrita da história. Editora Forense Universitária, 2002.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Na plataforma do escrito: cartas entre professoras**. Universidade do Estado de Santa Catarina, ano.
- BURKE, Peter (Org.) **A escrita da historia: novas perspectivas**. 2. Ed. São Paulo: UNESP,1992.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo, UNESP, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 2000.



## IV Colóquio de História da Educação

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2000. P.118.

HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. In : MIGNOT, A .C.V; BASTOS, M. H.C; CUNHA,M.T.S; (org.).**Refúgios do Eu. Educação, História, escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. P.29-61.

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De Correspondências e Correspondentes: Cultura Escrita e Práticas Epistolares no Brasil entre 1880 e 1950**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

FALCON, Francisco José Calazans. **História e História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. P. 88-89.